

A presença do jornalismo cultural nas revistas recifenses: os casos da Moderna, *Jazz-Band Revista Carnavalesca*, Capibaribe, Continente e Coquetel Molotov.

GREGO LINS, Aline M. Doutora em Comunicação e Semiótica. Universidade Católica de Pernambuco – Recife-PE.

RESUMO: O jornalismo impresso pernambucano e, de modo particular, o recifense, sempre foi marcado pela presença de jornais diários e por revistas. Apesar desse interesse, poucos são os registros relacionados às revistas e pior, poucos são os exemplares de revistas que circularam no Recife nos últimos cem anos preservados nos acervos públicos do Estado. Ainda assim, entre os exemplares encontrados, foi possível perceber a vocação da imprensa local para a produção de publicações centradas nas letras, nas artes e nos elementos simbólicos culturais. Para esse trabalho destacamos cinco revistas: a Moderna, publicada em 1906; a *Jazz-Band Revista Carnavalesca*, que circulou anualmente, nos anos 30 e 40, a revista Capibaribe (na primeira fase nos anos 40), e as revistas que começaram junto com o século XXI, Continente (2000) e Coquetel Molotov (2004).

PALAVRAS-CHAVE: revistas impressas – edições culturais – jornalismo recifense

INTRODUÇÃO

Pernambuco é um Estado reconhecido como referência cultural, tanto na região Nordeste quanto no País. Quer seja na arte popular, na música, nas artes plásticas, no cinema, no teatro ou na literatura. A sua capital, Recife, pulsa e transborda em manifestações culturais as mais diversas, despontando como espaço para o desenvolvimento e preservação da cultura, desde a denominada “tradicional” aos movimentos de vanguarda.

Em todos os níveis da produção cultural pernambucana encontram-se nomes consagrados no cenário brasileiro e, em alguns casos, internacional, a exemplo do mestre Vitalino, dos brincantes Salustiano e Antônio Nóbrega, da artesã Ana das Carrancas, todos frutos da arte popular. Nas artes plásticas destacam-se os escultores Abelardo da Hora e Francisco Brennand, os pintores Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro. Na música, nomes consagrados como os de Luiz Gonzaga, Dominginhos, os maestros Nelson Ferreira e Capiba, os cantores e compositores Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Chico Science e

Lenine; no cinema temos os diretores e atores do Ciclo do Recife, ainda no início do século XX, liderados por Ari Severo, arte marcada, também, por jovens diretores da nova safra do século XXI, tais como Lírío Ferraz, Cláudio Assis, Marcelo Gomes e Paulo Caldas, na retomada do cinema pernambucano. No teatro despontam os nomes de Nelson Rodrigues, Luiz Marinho e Waldemar de Oliveira, sem falar em Hermilo Borba Filho, que apesar de paraibano de origem, desenvolveu sua história teatral em Pernambuco; e na literatura nomes a exemplo de Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, Joaquim Cardoso, Gilberto Freyre, Osman Lins, João Cabral de Melo Neto e Raimundo Carrero.

A produção cultural da cidade e do Estado passeia desde os espaços populares às elites, sem cerimônia, preconceito ou descaso. Talvez o carnaval seja o momento síntese de toda essa comunhão. Essa efervescência cultural, claro, acabaria por invadir não só os salões, escolas e espaços públicos destinados às manifestações artísticas e culturais da cidade do Recife, elas também invadiriam, e de fato invadiram, a imprensa local, tanto nos jornais quanto nas revistas. E é sobre essa última, as revistas, que este texto irá deter-se.

Apesar da vocação da imprensa recifense para a produção e publicação de revistas, poucos são os registros sobre esses impressos na cidade. Como forma de contribuir com parte da história da imprensa pernambucana e, de modo particular, com a história do jornalismo impresso local, esse trabalho procura, assim, resgatar um viés da trajetória das revistas recifenses do século XX e início do século XXI: o jornalismo cultural. Cinco revistas, que destinaram suas páginas a cobertura das letras, das artes e das manifestações e temas culturais foram as escolhidas: a *Moderna*, publicada em 1906; a *Jazz-Band Revista Carnavalesca*, que circulou nos anos 30 e 40; a *Capibaribe* (na primeira fase de existência, nos anos 40) e, dando um grande salto no tempo, as revistas *Continente* (2000) e *Coquetel Molotov* (2004), publicações que marcam história já no século XXI.

É certo que outras publicações voltadas para a literatura e para o jornalismo cultural nos séculos XX e início do XXI foram produzidas no Recife, mas muitas tiveram periodizações irregulares e períodos curtos de existência. Estão em destaque, portanto, no presente texto, as revistas segmentadas que conseguiram ultrapassar, ao menos, um ano de existência, que foram regulares em sua periodização e que apresentaram, de forma clara e definida, perfil editorial voltado para a cultura ou para o jornalismo cultural.

Apesar de reconhecer que no Brasil a idéia de jornalismo cultural, muitas vezes, está atrelada apenas às artes ou a cobertura de atividades e eventos artísticos, é importante destacar que a compreensão que se tem nesse artigo é a de que o jornalismo cultural extrapola essa idéia, na medida que reconhece as questões comportamentais, sociais, antropológicas e, não raras vezes, filosóficas, também como configurações culturais. Como destaca Daniel Piza (2003, p.08), existe uma riqueza de temas no jornalismo cultural que não se restringe somente ao que apresentam alguns segundos cadernos dos jornais diários ou colunas e páginas de determinadas revistas, o jornalismo cultural vai mais além, “afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens”.

Historicamente, o jornalismo cultural passa a ganhar força no Brasil no final do século XIX. Em sua trajetória, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, foram as revistas as que deram mais espaço e força ao jornalismo voltado para a cultura: “em toda cidade que vivia efervescência cultural, a presença de diversas revistas, com ensaios, resenhas, críticas, reportagens, perfis, entrevistas, além da publicação de contos e poemas – era ostensiva”. (PIZA, 2003, p. 19).

No Recife não foi diferente. Foram encontrados registros de mais de 40 revistas, nas três primeiras décadas do século XX, esse número praticamente triplicou até os anos 60. Desse total, quase a metade estava voltada às letras, artes, temas e manifestações culturais.

Nunca é demais lembrar que até os anos 50 o país e o mundo passaram por significativas transformações políticas, econômicas e culturais. No Brasil tivemos a tumultuada primeira república, a Revolução de 30, o Estado Novo, a industrialização e urbanização das principais cidades, em especial São Paulo e Rio de Janeiro, a censura à liberdade de imprensa; no mundo, entre outros episódios, destacam-se a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, as crises do papel, do petróleo e o início da Guerra Fria.

Toda essa efervescência, aliada às mudanças políticas, prosseguiu acentuadamente nos anos 60, década marcada pela quebra de padrões comportamentais e culturais e, ao mesmo tempo, pelo uso da força pelos regimes de exceção que povoaram não só o Brasil, mas toda a América Latina, durante as décadas de 60, 70 e parte dos anos 80. Não só a geografia e as relações políticas mudaram, transformaram-se, também, as relações sociais, o comportamento e os anseios da sociedade.

O percurso traçado pela sociedade brasileira foi seguido de perto pela imprensa nacional e, também, pela recifense. Um caminho, por vezes, acompanhado de forma dolorosa, com censuras e perseguições a jornalistas, algumas resultando em mortes. O jornalismo cultural, para alguns impressos, nesse aspecto, foi a única forma encontrada para a sobrevivência.

Desse modo, o resgate das revistas recifenses destaca-se não só como um importante registro dos impressos que conseguiram atravessar dificuldades de ordem política e financeira, como também revela a forma de viver e adaptar-se da imprensa e da própria sociedade brasileira. As revistas são entendidas como documentos históricos importantes, pois, como destaca Marília Scalzo (2003, p.06) elas representam épocas e mitos. “Sendo assim, é possível, compreender muito da história e da cultura de um país conhecendo suas revistas. Ali estão os hábitos, as modas, os personagens de cada período, os assuntos que mobilizaram grupos de pessoas”.

Para falar das revistas recifenses, a partir do viés cultural, as cinco publicações escolhidas estão assim distribuídas: três das revistas foram lançadas nas quatro primeiras décadas do século XX, e as outras duas no que denominamos de a retomada da produção e circulação de revistas culturais recifenses, que aconteceu no início do século XXI. Todas sobreviveram pelo menos um ano (*Moderna*), algumas bem mais (*Jazz Band Revista Carnavalesca*; *Capibaribe*; *Continente* e *Coquetel Molotov*), por isso foram as escolhidas.

Outras revistas recifenses voltadas para as artes, às letras e aos temas culturais foram localizadas, mas como já foi mencionado anteriormente, foram descartadas porque não sobreviveram a um ano de existência, a exemplo da revista *Cinema* (1910), que apesar de interessante e voltada a um público segmentado, antenado na nova arte da imagem em movimento, teve periodização irregular e logo encerrou suas atividades.

DE MODERNA A COQUETEL MOLOTOV

A revista *Moderna*, criada em 1906, tinha intenções literárias, mas, a exemplo de outras publicações de sua época, ultrapassou as letras e, além da poesia e dos artigos literários, também abrigou críticas e artigos sobre o teatro e outras artes, bem como

publicou crônicas do cotidiano recifense. É uma revista influenciada pelas modernas idéias do novo século, vindas, sobretudo, da Europa, e que desperta em seus idealizadores a intenção de abrigar as novidades no cenário nacional. Defendia em seu primeiro exemplar, publicado em 09 de julho: “A Revista Moderna recolherá em seu seio todas as idéias nobres, fecundas e generosas; e sem fazer questão de crenças religiosas e idéias políticas, ela aceitará a defesa de tudo quanto for justo e alevantado” (NASCIMENTO, 1975, p. 177).

A revista foi criada por um grupo de jovens estudantes e recém formados em Direito, entre eles, Cardoso de Oliveira, Adalberto Marroquim e Moreira Cardoso. As ilustrações ficavam a cargo de Herculano de Albuquerque, o Guapy, desenhista de destaque. A revista se definia apolítica e circulou apenas um ano sem alçar, entretanto, grandes vôos com as “modernas” idéias. Contudo, vale destacar o espaço generoso, dentro de suas 16 páginas, destinado à literatura, a música e a crítica teatral, o que revela a vocação da cidade e o interesse da sociedade recifense da época para essas artes.

Entre as publicações voltadas para a cultura, apesar de ter circulado menos de um ano, vale citar a revista *Cinema* (de 1910), que tratava de assuntos literários, de cinema e temas humorísticos. Nunca é demais lembrar que no final das duas primeiras décadas do século XX Recife era uma das cidades que produzia e exibia filmes cinematográficos comercialmente¹. O humor era outra forte marca, a exemplo de outras revistas da época, em seu texto inaugural *Cinema* destacava: “fazer a política do humorismo que alegra, da ironia que não fere, procurando sempre não melindrar suscetibilidades”. Mas, em uma de suas colunas fixas, intitulada, Perversidades, destacava a seguinte observação: “Nesta página não se diz bem de pessoa alguma”. (NASCIMENTO, 1975, p. 266)

Segundo Ana Luíza Martins (2001), essa era uma das características das revistas da primeira república, que apostavam no humor e na linguagem mais popular para abordar temas do cotidiano das cidades e da própria política brasileira.

É na década de 20 que começa a surgir, de fato, uma maior preocupação com a arte e a literatura nacional e o reconhecimento da nossa brasilidade, provocado, sobretudo, pelo Movimento Modernista, deflagrado em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna de

¹Para mais informações sobre o assunto, vale consultar o livro de Alexandre Figueirôa, *O cinema pernambucano : uma história em ciclos*. 1ª. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

1922. Recife é marcada, nesse período, pelo surgimento de várias revistas literárias, que a exemplo da revista *Moderna*, também foram além dos temas pertinentes as Letras.

Segundo Ilka Cohen (2008), as revistas denominadas literárias passaram a publicar artigos de natureza variada, tornando-se, dessa forma, espaço aberto à exposição de idéias e do debate político. Elas contavam com menos publicidade do que as revistas de variedades, mas, em contrapartida, reuniam em torno de suas edições, grupos de intelectuais que enxergavam na prática jornalística:

a dimensão de formação da opinião pública, instrumento adequado para uma ação transformadora. Algumas iniciativas floresceram, muitas ficaram pelo meio do caminho. Capas discretas e monocromáticas, publicidade escassa e temas variados eram suas características comuns. (COHEN, 2008, p. 108).

Essa influência vai refletir-se, também, em revistas não necessariamente culturais, a exemplo das ilustradas e revistas de variedades, como foi o caso da revista do *Norte* (1923), que não interessa ao recorte desse trabalho, mas que não se pode deixar de fazer o registro. Os exemplares arquivados na Biblioteca Pública do Estado demonstram o apoio que a revista recebia de escritores, artistas e intelectuais, e o quanto a publicação era favorável ao movimento modernista. A revista do *Norte* chegou, inclusive, a ter como colaboradores modernistas e simpatizantes do Movimento, a exemplo de Gilberto Freyre, que publicou, em 1926, o poema modernista "Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados" e o poeta Joaquim Cardozo, engenheiro que mais tarde ficou conhecido por projetar os trabalhos de Oscar Niemeyer, em especial os monumentos de Brasília. Ele publicou seus primeiros poemas na revista, onde também colaborou como ilustrador. Foi ele quem criou, inclusive, algumas marcas das páginas da revista do *Norte* (que circulou até 1947), assim como todo um alfabeto de capitulares² ornamentadas com temas da flora regional. Em 1925, a revista publicou o poema mais conhecido de Cardozo, o "Recife Morto".

A revista do *Norte*, apesar de ter longa duração, surgiu num período em que outras dezenas de publicações foram lançadas no Recife. A maioria não passou do primeiro número. A corrida por periódicos impressos na capital pernambucana, nas quatro primeiras

² letra maiúscula inicial dos capítulos

décadas do século passado, acompanhou o movimento vivenciado na Capital Federal (na época o Rio de Janeiro) e também por São Paulo, em especial, o período entre 1912 e 1930, como constatou Werneck Sodré (1999).

No começo do século XX, segundo Sodré, as revistas e os jornais eram fundados por grupos de intelectuais que tinham como ideal defender causas políticas ou que queriam divulgar a produção literária, humorística, religiosa, os temas de interesse dos clubes e das associações das mais diversas. O surgimento dessas publicações foi favorecido pelo crescimento das cidades brasileiras, pelo desenvolvimento do capitalismo e pela ascensão das classes economicamente dominantes, tudo isso aliado à evolução das relações de comércio, que resultaram em investimentos no setor tecnológico, conseqüentemente, contribuíram para a diversificação do mercado editorial, para a modernização técnica e, por tabela, para a ampliação do próprio público leitor. (SODRÉ, 1999; COHEN, 2008).

Assim, além dos jornais, as revistas também foram responsáveis pelo despontar, na capital pernambucana, de uma produção jornalística significativa nas primeiras décadas do século passado. É prudente lembrar que um dos atrativos das revistas para os leitores, diferentemente dos jornais, era o de que elas tratavam (e ainda tratam) seus leitores com mais intimidade, uma vez que é direcionada a grupos com interesses específicos. Marília Scalzo (2004) reforça essa idéia quando afirma que uma das características que diferencia as revistas dos outros meios de comunicação é justamente o tratamento pessoal e o direcionamento do assunto para um público em foco. Lá no início do século XX, ainda que de forma tímida, o tratamento dado pelas revistas já era diferenciado dos jornais (claro que não tão segmentado como as revistas atuais). Mas essas publicações já atendiam, ao menos em parte, aos desejos de um público mais exigente na seleção de informações, diferente dos jornais impressos que atendiam a um público mais eclético, mais híbrido.

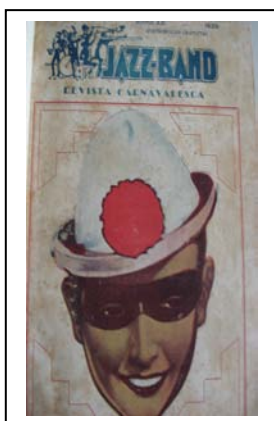
A periodicidade é uma outra característica diferenciada das revistas, pois há um maior espaçamento entre a publicação de cada edição. Enquanto os jornais são diários, as revistas podem ser semanais, quinzenais, mensais e até anuais, possibilitando uma apuração mais detalhada sobre o tema, oferecendo mais informações e pontos de vistas diferentes dos jornais diários, que estão presos ao imediatismo da mensagem. As revistas, pelo contrário,

primam pela análise mais elaborada e disponibilizam mais espaço aos temas abordados em suas páginas.

As revistas também se diferenciavam (e ainda se diferenciam) pelo tipo de abordagem dividindo-se entre as publicações de variedades, as especializadas e as institucionais. As revistas de variedades, em geral, tiveram vida mais longa do que as denominadas de conteúdo específico (tais como as literárias) exatamente porque contavam com mais publicidades e, ao mesmo tempo, atingiam um público mais abrangente.

Jornalismo e literatura, imprensa e política: equações que se desenvolvem no ritmo das transformações sociais, apontando a formação de círculos de intelectuais dispostos a interferirem nos destinos nacionais por meio da difusão de idéias. As revistas literárias, nesse sentido, padeciam da ausência de uma estrutura comercial que as sustentasse, além de público suficientemente numeroso. Não era esse o caso das revistas de variedades, que floresceram como gênero especialmente no início do século XX.”(COHEN, 2008, p.111).

A música era um outro atrativo na capital pernambucana do século XX. A *Jazz-Band Revista Carnavalesca* (1939), publicação anual especializada em música e cultura, é uma prova desse interesse. O periódico era distribuído gratuitamente no período carnavalesco, como o próprio título sugere. E, apesar de ser produzida e circular apenas uma vez por ano, a revista conseguiu manter-se viva por sete anos seguidos, mesmo quando teve que submeter suas páginas a burocracia e a censura do governo Vargas.



Na edição de 1939 a *Jazz-Band Revista Carnavalesca* já apresentava em seu exemplar a presença do DIP³. É possível ler na capa a seguinte informação: “Devidamente Registrada”, uma referência ao Departamento de Imprensa e Propaganda, que fiscalizava a imprensa, atingia não só as revistas, mas também os jornais, os folhetins e os programas de rádio de todo o país, mesmo que as publicações tratassem apenas de assuntos culturais, como era o caso da *Jazz-Band*.

³ Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939, no governo Vargas.

Entre 1937 e 1945 foi grande o número de jornais e revistas fechados por determinação do executivo federal e grande também o número de jornalistas presos por delitos de imprensa. (SODRÉ, 1999, p.96). Ainda assim, no período de 1940 até o final dos anos 60 foram encontrados registros nos acervos recifenses de 153 títulos de revistas, dos quais cerca de 50% eram publicações institucionais e gratuitas, que não passaram do primeiro número; 30% de variedades e cerca de 20% de revistas voltadas às artes, à cultura e, em especial à literatura, a maioria com o cuidado de eximir-se de questões políticas, apesar disso, a maior parte não passou do primeiro exemplar.

Esse cuidado excessivo em eximir-se de parcialidades ou partidarismo só pode ser compreendido em função do momento político. Após 1935, a censura e o aparato de controle dos meios de comunicação tornaram-se mais rigorosos; a instauração da Lei de Segurança Nacional impôs o cerceamento à expressão do pensamento e as perseguições políticas se tornaram rotina (...) Em 1937 um novo golpe de Estado punha fim ao sistema parlamentar, instaurando-se a ditadura do Estado Novo e abrindo uma era de estrito controle sobre os meios de comunicação. (Martins, 2001, p.128).

A revista *Capibaribe* (1946) foi uma das poucas revistas desse período que esteve mais presente no Recife, na era Vargas. Como toda a imprensa e a sociedade de um modo geral, trazia os medos e as esperanças de um pós-guerra como o foi o da 2ª Guerra Mundial. A revista no início exibia fotografias, propaganda, moda, poemas, coluna social e, sobretudo, matérias sobre cultura. A publicação era mensal, mas, poucos são os exemplares encontrados no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Aliás, aqui cabe um parêntese, uma das grandes dificuldades no resgate histórico da imprensa recifense reside justamente na precariedade do acervo e dos próprios arquivos onde se encontram os periódicos. Felizmente, uma parte de jornais e revistas dos séculos XIX e XX está sendo recuperada de forma mais sistemática pela Fundação Joaquim Nabuco.

Os primeiros anos da revista *Capibaribe* (primeira fase, nos anos 40) estão voltados para a cobertura cultural – essa época coincide com uma produção mais efetiva da música e da literatura local - apesar de suas edições já apresentarem elementos de variedades, a

exemplo da coluna social. É um período, também, marcado por dificuldades financeiras, afinal, era um período de pós-guerra.

A *Capibaribe* possuía em torno de 35 páginas, sua redação estava localizada no Edifício Seguradora, no centro do Recife. Na primeira fase da revista, que vai até o ano 1949, ela possuía gráfica própria com o nome de Editora Capibaribe Ltda e a publicação destinava a maior parte de suas páginas a temas culturais.

Em 1950 uma nova direção assume a *Capibaribe*, comandada por Vanildo Bezerra, Danilo Lins e Luiz Beltrão, este último de grande importância para a história do jornalismo de Pernambuco⁴. A revista passou a apresentar um perfil gráfico mais moderno, o título foi posicionado de forma descentralizada e a matéria principal da edição era, também, a manchete principal da capa, a revista ficou mais informativa.

No interior da publicação ganha espaço, nas páginas centrais, a matéria de destaque da edição. É possível observar, no exemplar ao lado, que a matéria principal foi de política e que estava a cargo de Luiz Beltrão. O texto fala da administração do prefeito Antônio Pereira e Beltrão não poupou elogios ao administrador que acabará de deixar o comando da cidade do Recife.



Na segunda fase, comandada por Luiz Beltrão, a publicação passa a ser impressa nas oficinas gráficas do jornal **Folha da Manhã**. O periódico tinha venda avulsa em várias cidades de Pernambuco, Amazonas, Rio Grande do Norte, Bahia, São Paulo e no Distrito Federal. A revista passou a apresentar um maior cuidado com a parte comercial, mas, ainda assim, a última edição encontrada na Biblioteca Pública do Estado data de junho de 1950, o que mostra que não teve muito fôlego em sua segunda fase.

Dos anos 50 até o início dos anos 60, Recife presenciou o surgimento de algumas dezenas de revistas, mas com pouquíssima duração. Raras foram as publicações que conseguiram ir além do primeiro número e, entre as que conseguiram, não estavam as

⁴ Luiz Beltrão deu início às pesquisas acadêmicas científicas sobre comunicação no Brasil e foi o fundador, junto com o padre Aloísio Mosca, do curso de jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. O curso, um dos primeiros do Norte e Nordeste, começou suas atividades em 1961 e, hoje, é um dos mais antigos em funcionamento no País.

revistas direcionadas à cultura. As sobreviventes ao primeiro ano eram, em sua maioria, institucionais, distribuídas gratuitamente, informativas ou de variedades, a exemplo das revistas *Atlântida*, *Itatiaia* e *Dos Novos*, que não interessam, no momento, ao presente texto. Essas revistas eram voltadas para temas mais gerais, em especial, os que estavam em discussão também na imprensa diária, a exemplo de temas políticos e econômicos. Algumas apoiavam claramente o governo Vargas (*Atlântida* e *Itatiaia*), o que explica, em parte, sua sobrevivência.

Os anos 70 e 80 - já no regime militar e sob forte censura - praticamente não testemunharam novas revistas, pelo contrário, a maioria fechou suas portas, vitimadas pelas crises econômicas e pelo endurecimento da censura dentro das redações. Uma das poucas a aparecer nesse período foi a revista *Quadra*, mas endereçada a temas políticos e econômicos.

A década de 90, apesar de não vivenciar mais a censura política, enfrentou graves crises financeiras, o que inibia iniciativas na linha editorial, em especial na produção de revistas, cujos custos eram elevados. Só na década seguinte Recife assistiria ao surgimento de novas publicações, o que denominamos de a retomada das revistas culturais na cidade.

E retomou em grande estilo, abrindo os novos ares do século XXI com a revista intitulada, inicialmente, *Continente Multicultural*. Criada em dezembro de 2000, com publicação mensal, a revista há nove anos é reconhecida pela qualidade do seu conteúdo plural e inovador, e pelo cuidado técnico editorial. Já no número zero, o editorial assinado por Marcelo Maciel dá a tônica da então nova revista: “pensar é o maior dos princípios desenvolvimentistas”. A direção da revista deixa clara a opção pela história e pela cultura:

Orgulhosos estamos todos nós como pernambucanos de bem com a cultura e a preocupação com o bom senso que deverá nortear o espírito irredento da nossa história intelectual, pois, ter bom senso é saber o que fazer a seguir; ter a virtude é fazê-lo. Desta forma, resgata-se a história da revista cultural em Pernambuco. (Maciel, 2000, p.03).

O exemplar zero apresentou o caráter cultural da revista, ao abordar a obra do pintor paraibano João Câmara, radicado no Recife, uma edição que mesclou arte, filosofia e



arquitetura. Nesse mesmo número inaugural, a revista ainda trazia uma entrevista com Ferreira Gullar, a discussão de uma tese de que a cultura poderia levar um país ao fracasso econômico e a reprodução de uma antiga entrevista com Gilberto Freyre.

O editor chefe, Mário Hélio, no primeiro exemplar, também fala das aspirações da revista produzida em Pernambuco, mas pensada para o mundo como um veículo de idéias em movimento.

Despudorada, escancaradamente pernambucana. Sem ranços de regionalismos nem cosmopolitismos fáceis. Mas, sobretudo, querendo conhecer-se e expandir-se no que lhe é próprio, sem esquecer-se de privilegiar o novo e o inédito. Nasce esta publicação altiva e modesta como esta terra que tem entregue ao país, desde a origem, os frutos vivos da sua bondade, inteligência e beleza. Mês a mês, o leitor acompanhará nestas páginas uma seleção de reportagens, ensaios e artigos que refletirão o que se faz e se pensa no continente de Pernambuco e em outras províncias do mundo. (Hélio, Mário, 2000, p. 03)

Importantes nomes locais e nacionais colaboraram com a então *Continente Multicultural* (hoje a revista intitula-se apenas *Continente*), a exemplo do ceramista Francisco Brennand, dos poetas Ferreira Gullar e Marcus Accioly e do geógrafo Manuel Correia de Andrade.

A *Continente Multicultural* procurou abordar, além da arte, temas da filosofia, da política, da sociologia e da religião, mas todos sob a ótica cultural. Em 2002 surgiu a idéia de dar maior espaço a algumas temáticas e assim foi criada a *Continente Documento*, que destacava temas históricos e antropológicos. Inicialmente as duas publicações foram comercializadas separadamente, pouco tempo depois elas fundiram-se numa única revista.

Até os temas ligados a própria atividade jornalística é pauta constante na *Continente*, que se propõe a discutir o papel da comunicação na sociedade, observando a importância dessa atividade na formação do cidadão, seja nas áreas afastadas das grandes cidades, seja na tecnologia da nova era da informação.

A Companhia Editora de Pernambuco - CEPE é a responsável pela impressão e distribuição da revista, que pode ser encontrada em bancas, em venda avulsa, ou através de assinatura. A *Continente*, em média, varia entre 94 e 100 páginas, que abrigam reportagens, artigos, colunas e publicidades. Um ponto importante a destacar é que a *Continente* foi lançada pelo governo do Estado, através da CEPE, na gestão do então governador Jarbas Vasconcelos (PMDB), e continua a ser editada no atual governo, de Eduardo Campos (PSB). Apesar das mudanças na esfera política, a revista demonstra uma linha editorial independente, na medida em que está mais voltada para temas culturais.

Desde junho de 2008 a revista passou a denominar-se apenas *Continente*. A direção de produção e edição é de Ricardo Melo e tem a frente da superintendência da edição, a jornalista Adriana Dória. Em agosto de 2009 a revista chegou a sua 104ª edição. Reúne no Recife, como acontecia nas primeiras décadas do século XX, intelectuais e jornalistas interessados na arte, na cultura, na reflexão e em mais espaço editorial para suas idéias.

Quatro anos depois da *Continente*, surge uma nova proposta de revista cultural no Recife, inovadora no formato e no perfil editorial: a *Coquetel Molotov*, voltada totalmente para o público interessado em música. Aqui vale lembrar que a partir dos anos 90 Recife passou a viver uma efervescência musical, além do Movimento *Manguebeat*, de Chico Science, realiza o Festival *Abril pro Rock* e novos nomes e grupos pernambucanos começaram a despontar no cenário nacional, a exemplo de Otto, Lenine, Devotos e Cordel do Fogo Encantado.

A revista, idealizada por três jovens, Jamerson de Lima e as jornalistas Ana Garcia e Tathianna Nunes, começou com a realização de um festival de música no Recife, o Coquetel Molotov, que reuniu bandas do país e do exterior que não percorriam a “mídia massificada”. Depois do evento, surgiu a necessidade de dar continuidade às idéias do festival e foi criado um *site*, o www.coquetelmolotov.com.br, que ainda hoje está no ar e abre espaço para novas bandas e para os que pensam e fazem música no Brasil e no mundo.

Mas as idéias não pararam por aí, o grupo resolveu lançar uma publicação impressa. Primeiro a experiência foi com os *zines*, depois os idealizadores partiram para a publicação de uma revista, isso aconteceu no mesmo ano em que o *Coquetel Molotov* tinha fechado

uma parceria com a Secretaria de Educação e Cultura do Estado e conhecido a designer Silvia Guimarães, responsável pela arte da edição zero da revista. Depois da primeira publicação, a revista procurou mais apoio.

A idéia inicial consistia em trabalhar apenas com entrevistas, mas logo o perfil da publicação foi ampliado, introduzindo espaço para resenhas em que artistas comentavam músicas de outros artistas; páginas forma destinadas, ainda, para as bandas contarem suas aventuras nos shows e na seção Top 20, os músicos escolhiam seus vinte discos preferidos.

Em 2005, a edição de número um foi lançada, desta vez com mais qualidade gráfica, linguagem jovem e um design inovador. Esbanjando cor e imagens, a revista passou a disputar espaços com outras publicações nacionais voltadas para a música. Toda a parte visual ficou sob a responsabilidade do estúdio de design Mooz, do Recife.



A palavra chave da Coquetel Molotov é pluralidade. Na edição número um é possível encontrar desde uma matéria do brasileiro DJ Dolores sobre o músico ucraniano Eugene Ürtz até o chileno Cristian Ayara falando de sua conterrânea Javiera Mena. O gaúcho Wander Wildner revela as conexões que teve com o Recife, quando foi *roadie* de uma turnê de Alceu Valença antes de se aventurar no punk dos Replicantes, e Erasto Vasconcelos, capa do segundo número da revista, relembra sua trajetória musical nos EUA, Rio de Janeiro e Maranguape, em Paulista, cidade da região metropolitana do Recife.

Graças ao apoio da Secretaria de Educação e Cultura, a *Coquetel Molotov* pode ser adquirida gratuitamente. Apesar do interesse em tornar a *Molotov* uma publicação com distribuição nacional, a revista, hoje, só é encontrada no Recife. No caso das demais cidades brasileiras, os interessados precisam conectar-se com o *site*, onde podem dar um *download* da revista, também gratuitamente. Em cinco anos de existência, a *Coquetel Molotov* chega a sua sexta edição, o que a torna uma revista praticamente anual. É importante destacar que o *site* é um importante aliado da revista impressa e da rádio Molotov. Essa interação, entre diferentes meios de comunicação, torna a *Coquetel Molotov* dinâmica, atual e sem fronteiras.

Assim, aos poucos, novas revistas voltadas para cultura voltam a povoar as bancas, bibliotecas, espaços públicos e casas dos recifenses. A reação ainda é tímida, para uma cidade que pulsa cultura, mas o fato é que novos passos já foram dados e bem dados. Apesar das dificuldades econômicas e do avanço avassalador da *internet*, o mercado editorial das publicações impressas aposta suas fichas em novas revistas no Recife, as mais recentes tratam de esportes e de assuntos gerais, a de maior destaque entre elas é a *Algo Mais*. Resta, agora, torcer para que a situação também mude nos arquivos públicos da cidade, hoje em péssimas condições de armazenamento e preservação do próprio acervo. E esperar que daqui a outros cem anos as publicações impressas no Recife sejam ainda mais numerosas, significativamente interessantes e inovadoras.

REFERÊNCIAS

- COHEN, Ilka. IN: LUCA, Tânia e MARTINS, Ana Luiza. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.
- DANTAS, Maria da Paz R. Joaquim Cardozo – Ensaio biográfico. Recife: fundação de Cultura Cidade do Recife. 1985.
- FERREIRA, Tânia, MOREL, Marco e NEVES, Lúcia. (Orgs). História e Imprensa – representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- FIGUEIRÔA, Alexandre. O cinema pernambucano : uma história em ciclos. 1ª. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000
- JAZZ BAND REVISTA CARNAVALESCA. Recife, 1939.
- LUCA, Tânia e MARTINS, Ana Luiza. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luíza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república (1890-1922). São Paulo: Fapesp/Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- NASCIMENTO, Luiz do. História da imprensa de Pernambuco (1821-1954). Recife: Ed. Universitária UFPE, 1997.
- PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2003.
- REVISTA MODERNA. Recife, 1906.
- REVISTA CAPIBARIBE. Recife, 1946.
- REVISTA DOS NOVOS. Recife, 1948.
- REVISTA CONTINENTE MULTICULTURAL. Recife, 2000.
- REVISTA CONTINENTE. Recife, 2009.
- REVISTA COQUETEL MOLOTOV. Recife, 2004.
- REVISTA COQUETEL MOLOTOV. Recife, 2009.
- VELOSO, Mônica Pimenta. IN: FERREIRA, T. et ali. (Orgs). “Percepções do Moderno: as revistas do Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006. (p.312 a 331).
- SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. São Paulo: Contexto, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.